

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO FORMAS DE EXPRESSÃO	CÓDIGO DA FICHA					
	TO	01	01	07	F40	01
	UF	SÍTIO-	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Cidade de Natividade
LOCALIDADE	Natividade
MUNICÍPIO / UF	Natividade / TO

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Folia do Divino Espírito Santo
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Não há.
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA

3. EXECUTANTE

OBS.: PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O(A) ENTREVISTADO(A) VER O ANEXO 4: CONTATOS.

NOME	Ailton de Paiva Moreira ¹		☐ FEMININO ☒ MASCULINO
OCUPAÇÃO	Folião, Devoto do Divino	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	25/08/1983
RELAÇÃO COM O BEM	☐ MESTRE ☐ PRODUTOR ☐ PÚBLICO ☐ APRENDIZ ☐ VENDEDOR ☒ EXECUTANTE ☐ OUTRO _____		

4. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS.

¹ Este folião foi escolhido como referência para a ficha em razão de sua participação contínua nos festejos do Divino, já foi alferes por duas vezes, canta e toca todos os anos e participa usualmente de uma das folias. Além do mais tem grande conhecimento a respeito de todo o processo e desenvolvimento da folia.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

To 01 00 07 F40 01

Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F20A2 Formas de Expressão – Folia do Divino - TO010007F20A2n°27
Fotos 1 a 81 e Celebrações – Festa do Divino - TO010007F40A2 n°17 Fotos 1 a 98



F1 saída da folia D. Romana
Foto Raphael Mendes 04-2007
TO010007F40A2n°17 F77



F2 Alferes folia D. Romana
Raphael Mendes 04-2007
TO010007F40A2n°17 F88



F3 Imperador folia D. Romana
Raphael Mendes 04-2007
TO010007F40A2n°17 F88



F4 Bandeira D. Romana
Raphael Mendes 04-2007
TO010007F40A2n°17 F96



Aferes Saída das folias
Raphael Mendes 04-2007
TO010007F40A2n°17 F 52



Bandeiras do Divino - Saída das folias
Raphael Mendes 04-2007
TO010007F40A2n°17 F 56



Saída das folias
Raphael Mendes 04-2007
TO010007F40A2n°17 F 73



Chegada da Folia foto Sandra Lima 05-2007
TO010007F40A2n°17 F 43



Chegada da Folia foto Sandra Lima 05-2007
TO010007F40A2n°17 F 48



Chegada da Folia foto Sandra Lima 05-2007
TO010007F40A2n°17 F 35



Missa da Benção da Bandeira
Raphael Mendes 04-2007



Saída das folias - confraternização
Raphael Mendes 04-2007



Saída das folias – confraternização
Raphael Mendes 04-2007

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**To 01 00 07 F40 01**

TO010007F40A2n°17 F1

TO010007F40A2n°17 F20

TO010007F40A2n°17 F23

5. Descrição do bem identificado

Algumas das formas de expressão presentes em Natividade ainda permanecem vivas em seu cotidiano justamente por estarem animadas na criatividade de homens e mulheres que vivem na cidade de Natividade. Esses conhecimentos são elementos significativos da identidade social e cultural nativitana. As Folias do Divino vinculam-se diretamente à celebração da Festa do Divino Espírito Santo na cidade, sendo parte desta.

Em Natividade saem todos os anos três folias, cujo intuito é o de representar a Santíssima Trindade. Um folião muito participante das folias de Natividade, Darley², apresenta esta questão do seguinte modo:

(...) elas representam a Trindade, que se manifesta na forma de três pessoas em uma só, ou seja, ela representa um único Deus verdadeiro, poderoso, mas com três poderes. O poder do Pai que é o criador do mundo, o poder do Filho que é o redentor, o salvador do mundo, e o do Espírito Santo que é o consolador, aquele que nos fortalece, aquele que alimenta a nossa fé e por esse motivo a gente conserva essa tradição de ter as três folias. E estas três folias ganham os apelidos das regiões que elas vão visitar. A que vai pra Santa Rosa ganha o apelido de Folia dos Gerais, a que vai pra São Valério ganha apelido de Folia do Outro Lado do Rio Manuel Alves e a que vai pra Almas ganha o apelido de Folia de Cima; são essas as três folias de Natividade.

Segundo relatos de moradores da cidade, sempre foram três as folias de Natividade. Elas são sorteadas no dia de Pentecostes, quando também ocorre a festa do imperador. No Sábado de Aleluia à noite, é antecipada a Missa Solene da Páscoa, onde são benzidas as bandeiras e entregues aos alferes, e depois da missa é servido um jantar na casa do imperador, onde foliões cantam, tocam e dançam a noite toda. No dia seguinte, Domingo de Páscoa ocorre a saída das folias. A partir daí as folias giram 40 dias em uma caminhada, que representa a ressurreição de Cristo ressuscitado dos mortos e que subiu ao céu. Somente depois desse giro é que eles retornam à cidade. Nesse momento é que se dá a chegada da folia que representa a subida de Jesus ao céu. A chegada da folia ocorre na quinta-feira da hora, como é chamada a quinta-feira da ascensão. O encontro das três folias acontece na Praça da Matriz³. Nesse encontro uma das folias canta no cruzeiro, que é a cruz, que representa o sofrimento de Cristo, a outra folia canta na igreja, louvando, agradecendo pelo giro, louvando a Padroeira do Estado do Tocantins⁴, Nossa Senhora da Natividade. As três dirigem-se à casa do imperador, e lá a terceira folia faz o canto de saudação ao imperador, agradecendo pela recepção e entregando as três folias. Ali anunciam que no outro giro vão ser entregues as esmolos, donativos que foram arrecadados durante os giros, para auxiliar o imperador na arrumação da festa. Após esses cantos de louvor, são cantadas as rodas e as catiras. Destacam-se também o forró e sùssia embalando os festejos. É quando a população se enfeita com roupas e jóias, principalmente de filigrana em ouro e prata, feitas na cidade.

A população participa ativamente desses festejos, envolvendo-se em todas as etapas. Em Natividade a grande maioria da comunidade apresenta-se como devota do Divino. As pessoas vestem-se de vermelho⁵, vestem as camisetas que possuem da festividade do ano ou de anos anteriores e saem para “louvar e comemorar o Divino”, como dizem. Em geral preparam-se dias e dias, vêm de longe, colocam suas melhores roupas e jóias nos vários momentos do festejo.

A festa do Divino, na verdade, não termina aí, ela continua até o dia de Pentecostes (quando ocorre novo sorteio das folias). Nesse dia, já ao amanhecer há muito movimento na casa do imperador, todos aguardando o momento da coroação. Toda a família se enfeita e se veste a rigor e com grande pompa, como imperador, imperatriz, príncipes e princesas. Aparecem anjinhos por toda parte (brancos, morenos, negros), surgem porta-bíblias, porta-almofadas, porta-dons, rainha, princesas, o capitão-do-mastro, alferes das folias, da bandeira de misericórdia. O vermelho coloca-se novamente na ordem do dia, a festa somente se encerrará com festejos que ocorrem depois da coroação do imperador⁶.

Todos os anos no dia de Pentecostes, após a coroação e a festa do imperador, é realizado novo sorteio das folias, quando serão definidos também novo imperador, novo capitão-do-mastro e toda a “equipe das folias”, de modo que possam já iniciar os preparativos para a festa do ano seguinte.

A saída das folias ocorre no Domingo de Páscoa após a bênção das bandeiras, que acontece em uma cerimônia solene realizada pelo padre Joatan, na igreja. Nessa festa do Divino Espírito Santo, a bandeira ganha um significado especial, configurando-se como a própria representação do Divino: sua cor vermelha representa o fogo do Espírito Santo e a pomba branca representa a forma como o Espírito Santo de Deus se manifestou no batismo de Jesus. Dizem os nativitanos que a missão desta primeira etapa da folia é evangelizar os sertões de Natividade e até mesmo alguns municípios vizinhos, como também convidá-los para a grande festa do imperador que ocorrerá logo após a chegada da folia da cidade. Os alferes despedem-se com um movimento ritual que são as Vênias com as bandeiras, a partir daí cada folia sai a cavalo em direção da zona rural.

O percurso das folias, em linhas gerais, é o mesmo todos os anos, mas pode sofrer algumas variações em razão das relações de poder constituídas naquele ano, podendo expandir ou retraindo o seu deslocamento nas regiões circunvizinhas. As folias seguem a sua

² Entrevistas TO010007F1A2A n° 34A33 e TO010007F1A2A n° 34A51.

³ Ficha - TO010007F3003 - Igreja de Nossa Senhora da Natividade (Matriz).

⁴ ENTREVISTAS TO010007F1A2A n° 34A33 e TO010007F1A2A n° 34A51.

⁵ ENTREVISTAS TO010007F1A2A n° 34A36 e TO010007F1A2A n° 34A58.

⁶ Ficha - TO010007F2001 - Festa do Divino.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

To

01

00

07

F40

01

peregrinação para regiões que faziam parte do Julgado⁷ de Natividade: A Folia dos Gerais tem como trajeto: Chapada da Natividade, Santa Rosa visita o povoado de Cangas, distrito de nome Morro São João e Apinajé, passando também pelos municípios de Silvanópolis e Poeira, bem como por diversos pousos nas fazendas; A Folia de Cima tem como trajeto: o povoado do Bonfim, ainda no município de Natividade, o município de Almas, onde visita o povoado da Barra, passando pelo assentamento Jacubinha e pela Jacuba; A Folia do Outro Lado, por sua vez, tem como trajeto São Valério, visita Lagoa do Rumão e na volta visita o povoado do Príncipe. Em alguns anos visita Novo Nilo ou Serrinha e em outros não.

A Praça da Matriz, onde se localiza a Igreja de Nossa Senhora da Natividade ou da Matriz, como é mais conhecida, é um dos espaços que servem de referência fundamental para a chegada e saída das folias, caracterizando-se como o local de maior concentração de manifestações culturais, políticas e religiosas. Cercada por um belo casario no qual podemos destacar as residências do antigo ouvidor Joaquim Theotônio Segurado⁸, de D. Naninha⁹ e de D. Aquina. Durante os Festejos do Divino Espírito Santo essa praça se enche de cor, principalmente da cor vermelha, tornando-se palco da devoção da comunidade nativitana. Nela ocorre um dos momentos mais significativos da festa, o encontro das folias na quinta-feira da hora. As folias chegam do sertão, depois de 40 dias de evangelização, cada uma entrando por uma das ruas que dão acesso ao círculo central da praça. Sr Joaquim aponta que: “elas chegam na porta da igreja, na praça, aí fazem os cantos de encontros e aí entram pra igreja, cantam lá e daí vai canta no imperador, terminou o giro”¹⁰. A **Folia de Cima** chega à praça pela Rua União – antiga rua do Terço, hoje conhecida como Rua União –, onde podemos localizar a casa do mestre Juvenal, ourives nativitano que teve como mestre o ourives Antonio Nunes. Nessa rua localizamos a casa da dona Naninha. A **Folia do Outro Lado** chega à praça pela Rua Rafael Xavier – antiga Rua da Contagem, hoje denominada de Rua Rafael Xavier –, onde residem pessoas de famílias tradicionais como a do antigo mestre ourives Antonio Nunes. Nessa rua se encontram também as residências do padre Joatan e da família do mestre ourives Cazuzu – José de Sena Fernandes, pai do mestre ourives Bernardino de Sena Fernandes e avô do senhor Mario de Sena Fernandes. E a **Folia dos Gerais** chega à praça pela Rua Modestina – antiga Rua do Meio, como era identificada no período da mineração. Essa Rua Modestina é que liga a Praça Leopoldo de Bulhões à Praça da Matriz, tendo como referência os casarios de dona Aquina ou dona Quininha e a casa de dona Francisca, onde, segundo informações do Monumenta, foram encontradas telhas datadas de 1747.

Paralelamente a toda esta movimentação ocorre uma outra folia que é vinculada ao Centro Bom Jesus, dirigido por D. Romana. Lá também se comemora o Divino Espírito Santo com a saída de uma folia. O ritual é diferente, mais singelo, porém a intensidade do louvor é a mesma, e algumas pessoas participam das duas formas de folia da cidade. Essa folia sai a pé no Domingo de Páscoa, depois de um suculento almoço, muito canto, muita sússia e muita oração. A bandeira é aclamada em nome do Divino Espírito Santo. D. Romana, os alferes e o imperador participam ativamente de todo o louvor. A folia gira por 15 dias apenas, pela zona rural. Retorna e, em meio a festividades, emoção e devoção, encerram-se as comemorações.

DESCRIÇÃO DO LUGAR DA ATIVIDADE**4.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS**

O principal lugar de apresentação das folias são as vias públicas da cidade, a zona rural durante o giro e a Praça da Igreja Matriz. As festividades se estendem também à casa do imperador e do capitão do mastro.

4.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

Os marcos edificados mais importantes para a celebração são: a Igreja da Matriz e o largo da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Outro espaço significativo da festa são as ruas da cidade por onde as Falias passam, mantendo a tradição ao longo dos anos.

4.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A ATIVIDADE

As folias acontecem basicamente na cidade, nas vias públicas, na igreja e na zona rural. Todo o giro se realiza na zona rural, percorrendo diversas localidades e municípios também.

⁷ No tempo colonial as comarcas das capitanias brasileiras e, notadamente, a de Goiás eram subdivididas em Julgados. A de Natividade tinha algumas sub-regiões como Chapada da Natividade, áreas sob a jurisdição do Juiz Municipal do arraial, e Minas da Natividade, que compreendia quase toda a região norte da capitania. Por meio de Carta Régia de 1809, e por Decreto Provincial, a Capitania de Goiás foi dividida em duas Comarcas: a do Norte e a do Sul. A Comarca do Norte, com correição da Comarca de São João das Duas Barras, compreendeu oito Julgados: Porto Real, Natividade, Conceição, Arraiais, São Félix, Cavalcanti, Flores e Traíras. A Comarca do Sul, com sede em Vila Boa, recebeu o nome de Comarca de Goiás e compôs-se de seis Julgados, sujeitos à correição da mesma Comarca: Vila Boa, Crixás, Pilar, Meia Ponte, Santa Luzia e Santa Cruz.

⁸ Hoje é a residência do senhor Alarico Lino Suarte.

⁹ Casa de dona Naninha, uma das boleiras mais conhecidas na cidade, principalmente por fazer o biscoito Amor-Perfeito.

¹⁰ Joaquim Rodrigues de Cerqueira – TO010007F1A2A nº 34A30.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

To 01 00 07 F40 01

5. Tempo**5.1. PERIODICIDADE**

A data da festa é móvel. Inicia-se no Sábado de Aleluia e termina no dia de Pentecostes, dia da ascensão de Jesus Cristo (dura 50 dias)

5.2. OCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 1990

1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒
2002		2003	2004	2005	2006	2007					
☒		☒	☒	☒	☒	☒					

6. BIOGRAFIA

O texto é um relato do próprio folião sobre sua participação nas folias:

“Meu nome é Ailton de Paiva Moreira, Darley¹¹ é meu nome artístico, justamente pela função de ser conhecido popularmente com esse nome nas folias. Nós temos uma tradição aqui em Natividade preservada durante vários anos. Sou um jovem, tenho 23 anos, e já ser enxergado como uma das pessoas que contribuem com essa fé, que possa falar sobre esta festa, ter essa autoridade pra falar sobre a festa da minha cidade, sobre a festa da minha divindade, que eu amo muito, isso me deixa muito orgulhoso. Porque desde que eu nasci eu já nasci numa família que gosta, que tem essa cultura, tem essa tradição e eu fui me envolvendo cada vez mais. Aos 9 anos de idade eu já participava de folias, já estava envolvido, não ia pra essas folias do Divino realmente de adulto, mas eu montava a minha própria folia de brinquedo, com instrumentos improvisados, a gente fazia violas de buriti, com cordas de linhas mesmo de anzol e pandeiros de latas de goiabada, a gente perfurava elas e colocava xengos de tampas de Coca-Cola, pra ficar parecido o som um pouco; era bem diferente mas a gente falava que parecia. E cantávamos rodas dos outros foliões, que a gente já conhecia dos pousos durante a época da folia, e, quando a Folia do Divino chegava, a gente fazia nossa folia, só menino, arrumava uma bandeira, a gente desenhava um santo e fazia ele, esse giro aqui dentro mesmo da cidade. As pessoas nos acolhiam, aplaudiam a gente, incentivavam, davam contribuição pra gente fazer a nossa festa e, ao final do giro, geralmente alguns dez dias que a gente girava, ao final a gente fazia uma festa, confraternizava e era muito gostoso. Aos 16 anos foi quando comecei girando a Folia do Divino realmente, pra participar mesmo pra valer, e aqui em Natividade desde 2001 que eu venho girando nas folias, contribuindo. Em 2005 eu passei no vestibular da Unip pra fazer Jornalismo. Mudei pra Gurupi, mas mesmo assim de lá, de Gurupi, o ano passado eu contribui com as folias; durante os finais de semana eu vinha e girava na folia com meu irmão, participei da festa, participei e agora recentemente eu passei no concurso do Banco da Amazônia, fui chamado... E tive de vir embora, fiz três períodos de Jornalismo, vim embora, voltei pra cá, estou trabalhando no Banco da Amazônia, mas gosto do mesmo tanto, preservo, não é porque estou crescendo profissionalmente que vou abandonar minha tradição, vou abandonar o meu meio, ou a minha cultura. Jamais, e este ano eu não girei porque no trabalho foi mais difícil ter folga pra sair... pra contribuir, mas dei outras contribuições, ajudei os despachantes, dei pouso pra folia na minha casa, na casa dos meus pais, ajudei os meus pais a organizar esse pouso. Assim, com muito amor, fizemos a nossa contribuição de outra maneira e estou sempre procurando uma forma de contribuir com essa festa, de valorizar, de enriquecer o meu conhecimento, pra que eu possa cada vez mais, ser mais útil pra minha tradição, pra minha folia e pra fé...”

¹¹ Darley, folião do Divino – TO010007F1A4 nº 07.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**To 01 00 07 F40 01****7. ATIVIDADE****7.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES**

A folia do Divino tem a mesma origem da festa do Divino, uma parece ter nascido com a outra, como aponta o folião:

A Folia do Divino tem a mesma origem da Festa do Divino, uma parece ter nascido com a outra. A Festa do Divino tem um poder muito forte de atrair os fiéis pra época da festa, os nativitanos, que acabam se empenhando com todas as forças nos festejos, tem coisas que emocionam até a gente, de manifestação de fé, de manifestação de realmente se doar pela Festa do Divino. As pessoas aproximam-se, as pessoas dão as mãos pra fazer a festa, porque essa festa aqui se tornou uma festa muito grande e tão solidária. Eu acho que ela já teria acabado se não tivesse condições de fazê-la, que é muito pesado, é muito cara. As folias ficaram bastante difíceis de manter com todos os gastos. Elas foram se modernizando, antigamente não tinha nem os uniformes, esse azul, laranja e verde que vocês viram, que vocês puderam contemplar hoje, antigamente não tinha nem isso, então elas eram mais simples. Qualquer pessoa que quisesse soltava folia, se tivesse necessidade alguns foliões arrumavam os foliões, esses foliões tinham mais facilidade pra ir pra folia durante esses 40 dias, deixando sua família durante todo esse tempo de um mês e dez dias. Tinham mais facilidade pra ir, pra fazer o giro todo, pra não necessitar estar voltando da folia, deixando a folia com dependência de outro folião naquele setor. Mas as coisas foram se modernizando, primeiro surgiram as camisetas, os chapéus, as calças, as botinas. Daí as capas, as caneleiras e foram surgindo as dificuldades dos foliões. Antigamente uma folia saía com seis foliões e tava uma ótima folia, pois seis foliões dá pra você manter. Se tiver um violeiro bom, um folião que saiba puxar o canto, se tiver um que saiba responder, se tiver dois foliões bons de primeira, torna-se uma folia muito boa, com seis foliões. Mas as dificuldades financeiras pra cada família foram aumentando e foi impossibilitando esses foliões de fazerem esse percurso todo, de fazer esse giro todo, então com essa dificuldade os foliões têm de retornar pra suas casas pra atender algum compromisso de família. (Darley, folião do Divino)

7.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

As rodas e as catiras, os cantos e os benditos são elementos fundamentais para a Folia do Divino e é sobre eles que Darley se refere:

As rodas são as brincadeiras, representando a parte folclórica da folia, porque os cantos são oração, são agradecimento, são aclamação de fé e o anúncio do evangelho, nos cantos, e as rodas é a parte em que os foliões vão cantar alguma coisa engraçada, vão cantar alguma ironia, alguma crítica da atualidade, situação política no momento, alguma sugestão de melhora pro nosso município, pra o nosso estado, pros países, vão contar alguma história da vida deles, algum cotidiano de um lavrador, de uma pessoa simples da roça. Têm alguns que também utilizam a roda como ferramenta de evangelização e fazem uma roda acrescentando algo, algo que foi dito nos cantos e anuncia também a palavra de Deus através das rodas. Além das rodas tem as catiras; catira geralmente é mais engraçada, a catira se diferencia da roda no sentido que a roda é cantada direta, são apenas três quadras, três estrofes com as rimas sempre combinando com a mesma consoante, com a mesma vogal, mas se divide apenas em três quadras e é cantada direta com os pandeiros e as violas fazendo o acompanhamento de toda a estrofe, de toda a quadra. A catira se diferencia porque geralmente tem um ritmo mais lento, é mais longa, as quadras são mais curtas em versos, mas existem maior número de quadras, maior número de estrofes, geralmente oito a dez e, enquanto os dois catireiros cantam as catiras, os instrumentos não fazem o acompanhamento, os instrumentos ficam parados, portanto tem até uma maior facilidade pro público entender a letra da catira que a da roda. Quem não é muito acostumado com as folias às vezes tem dificuldades pra entender alguma roda porque os instrumentos às vezes batem muito alto, os pandeiros principalmente fazem um barulho que enfeita a roda, mas quem não é bem do meio não consegue entender.

Os benditos nas folias são diferentes dos benditos dos hinos da igreja, eles na verdade são um canto de agradecimento às ofertas feitas aos foliões:

A palavra “bendito” é utilizada em vários sentidos: existem os benditos de terços, que são cantos tipo os hinos da igreja, tipo as músicas de louvor, todo terço antes de oferecer tem os benditos. Na igreja também a gente conhece alguns hinos como bendito, mas não é o mesmo bendito da folia. O bendito da folia é um canto completo de agradecimento da refeição, e não é somente em Folia do Divino, em folias de outras divindades também existe o bendito. Tem nas Folias dos Reis Magos, Folia de São João (...). Essas outras folias também são tradicionais e acabam tendo procedimentos parecidos, só a dos Reis Magos é que é diferente, principalmente no ritmo, porque a dos Reis Magos é do início do ano, logo depois do Natal, finalizando o ano, na passagem do ano-novo. (Darley)

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

To 01 00 07 F40 01

As bandeiras também são referência fundamental para as folias, elas são a representação do próprio Espírito Santo:

Outras diferenças que temos de uma folia pra outra são as bandeiras. A bandeira do Divino ela é toda vermelha com a pomba branca. E a bandeira dos Santos Reis é azul ou branca, o pano com o desenho dos Reis Magos montados em seus camelos, que foi o transporte que eles utilizaram pra ir do Egito a Belém, pra fazer a visita ao menino Jesus. Então, tem na bandeira o desenho dos três Reis Magos. Quando é uma Folia de São João é uma bandeira azul com a imagem de São João. E as bandeiras de outras santidades também são de outras cores, mas a bandeira vermelha é do Divino Espírito Santo ou de Senhora Santana.

A bandeira é um manto de reverência, é um símbolo que, segundo a escritura sagrada, quando Jesus foi batizado, o Espírito Santo desceu sobre ele em forma de pomba. Então, nesse manto sagrado que a gente tem, que é a bandeira, representamos o Espírito Santo através dessa pomba. Ela... na bandeira do Divino o pano é todo vermelho, a pomba toda branca, os pés e o bico são vermelhos e representam a espiritualidade da folia. Muitas pessoas têm essa fé comovente, justamente por acreditar que através daquele símbolo a gente pode estar se aproximando mais de nosso Deus, como uma representação. Então através da bandeira as pessoas têm o desejo, a sua espiritualidade movida, muitas pessoas sentem comoção ao ver a bandeira vermelha, essa bandeira balançando, com as sete fitas, que são sete devido aos sete dons do Espírito Santo. Os dons do Espírito Santo são: ciência, entendimento, sabedoria, o conselho, temor de Deus, fortaleza e piedade. (Darley)

A relação é estabelecida entre o Divino Espírito Santo e sua representação, a pomba branca:

O Espírito Santo, como terceira pessoa da Santíssima Trindade, segundo a escritura, desceu sobre Jesus e sobre os apóstolos, reunidos em Pentecostes, em forma de pomba. Então pra Folia do Divino é colocado que o Espírito Santo seja uma pomba e que esse desenho seja na bandeira pra dar essa representação através de uma pomba branca, que é justamente a cor da paz, para simbolizar que o Espírito Santo é paz, que o Espírito Santo é amor, que o Espírito Santo é luz pras nossas vidas, pros nossos corações. E que através da fé no Espírito Santo, através da devoção a esse pombinho branco, que é como a gente gosta de chamá-lo, através dessa devoção a nossa vida pode ser modificada, a nossa fé pode ser fortalecida cada vez mais. (Darley)

O alferes Bolívar, da Folia dos Gerais, fala sobre o significado da folia:

O significado da folia é que a gente gira 40 dias, leva bênçãos para todos os moradores da região nativitana, a mais municípios, passando por Santa Rosa, minha terra natal, passando por Silvanópolis, o distrito de Santa Rosa, Morro de São João, passamos a primeira cidade, Chapada da Natividade, e várias moradias dos sertões, né. E concluímos a chegada ontem.

O despachante da Folia do Beira-Rio, Minervino, fala sobre a responsabilidade de ser despachante e da alimentação:

Olha pra mim significa muita coisa, primeiro de tudo uma responsabilidade muito grande, né, você, no dia da missa, a gente subir lá no altar da igreja, aí anunciar que é despachante de uma folia, é uma responsabilidade muito pesada e a gente trabalha na organização. A gente pede aos patrocinadores, a gente sai de fazendeiro em fazendeiro pedindo animal pra sair para o giro e, como os nativitanos é muito devoto ao Divino Espírito Santo, num tem uma pessoa que recusa em dar o animal, tem deles que dá até quatro animal, conforme o tanto que a gente precisa (...). Olha o despachante tem por obrigação ter a arriação, aí tem carne, tem toucinho, arroz, feijão, farinha e mais outras coisas pra complementar. Rapadura, algum queijo pra complementar a panela dos folião, tem a carne, a gente faz a matura, seca a carne (...) a paçoca, a gente faz a paçoca assim, como a folia, a organização da folia era lá em casa, aí a gente faz a paçoca pra dar o lanche ao folião, pra poder ir para a igreja.

Sr. Zé Folgado aponta que os foliões deviam ter um comportamento sério e celibatário e, se caso isso não acontecesse, eles recebiam um castigo do Divino, mas alguns dizem que hoje é diferente:

uma vez eu fui encarregado duma folia, em 1957 eu fui encarregado no Bonfim e eu saí mais a folia, girei o giro todinho, tava faltando quatro dias pra nós chegar no Bonfim, o dia de hoje que era quinta da hora, toda vida eu gostei de folia, aí um folião tabu, um folião velho, que conhece todo mundo, ele mandou o recado pelo nosso arrilheiro: "Fala com Joana que eu estou chegando aí pra nós namora hoje". Um folião mesmo e eu escutei e repreendi ele, mas ele só sorrindo, dessa hora em diante ele não conversou com ninguém, ele viajou mais nós mais uma légua pra casa de um homem assim, chegou lá nem cantar ele num cantou mais e sol foi baixando e ele foi entristecendo, quando nós chegamos no pouso, num lugar do nome Jinipapeiro, ele tava com o olho, foi cabando de sair fora o último tufu, e o coração desta distância com vocês tava aí escutava: pango, pango, pango e caiu lá, aí nós peguemos, botamos num banda de couro (...). Banda de couro é um couro de gado e ele parte no meio pra tombar as cargas da folia. Panhei ele, botei num banda de couro, aí ele arruinou, arruinou mesmo, aí eu peguei o Divino, fui mais os foliões e cantei nele, orei

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

To 01 00 07 F40 01

7.3. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

porque eu sou alferes velho, sei conversar com o Divino, orei ao Pai que eu não queria que ele morresse, orei isso e aquilo, outro conversei, dessa hora em diante ele começou consertar, quando foi na hora do bendito já ele cantou o bendito mais nós, ele não morreu. Com quatro dias nós chegamos no Bonfim, no derradeiro pouso ele piou o cavalo dele, um cavalo amarelo da velha Domingas, irmão desse Jeová que chegou aí agorinha, esse cavalo amanheceu com as pernas dessa idade, morreu o cavalo mas ele não morreu porque Deus num deixou ele morrer, mas o cavalo morreu, aí quando chegaram no Bonfim foi preciso eu pegar o burro da arriação pra ele munta. Desse tempo tinha castigo, o Divino castigava, agora num sei.

7.4. CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO
A data é Móvel Sábado de Aleluia	<u>Sábado santo</u> – À noite é antecipada a Missa Solene da Páscoa devido ao início dos Festejos do Divino Espírito Santo, com a saída das Folias para o Giro de quarenta dias. O som das caixas emociona. As bandeiras do Divino são abençoadas e entregues aos Alferes. Após a missa o povo segue para a casa do Imperador, onde é servido um jantar. Durante a noite toda, os foliões cantam, tocam e dançam na casa do Imperador.
A data é Móvel Domingo de Páscoa	<u>Domingo de Páscoa</u> – Durante o dia, os preparativos para a saída das Folias. No final da tarde, na praça da Matriz, as três Folias do Divino Espírito Santo, que representam o Pai, o Filho e o Espírito Santo, após receberem as bênçãos e mensagens do Pároco e do Imperador, partem em cavalgada para o Giro, com o propósito de distribuírem, por onde passar: fé, paz, união, solidariedade e o anúncio da Ressurreição de Jesus Cristo.
O giro	É feito na zona rural durante 40 dias.
Chegada das folias	Quarenta dias depois que cristo ressurgiu dos mortos, ele se despediu dos apóstolos e subiu aos céus, e, justamente no dia de sua subida aos céus, que é representado pela quinta-feira da hora, quinta-feira da ascensão, é que é o dia dos retornos das folias a Natividade, das três folias. É quando acontece o encontro na Praça da Matriz e terminado o encontro, as folias cantam: uma canta no cruzeiro, que é a cruz que representa o sofrimento de cristo, a outra canta na igreja, louvando, agradecendo pelo o giro, louvando a Nossa Senhora da Natividade. A seguir, as três se dirigem à casa do imperador, onde a terceira folia faz o canto de saudação ao imperador, agradecendo pela recepção e entregando as três folias. Após estes cantos as folias vão cantar as rodas que são as brincadeiras, as catiras, o forró e dançam também a sússia.

8. PRODUTOS PATRIMONIAIS**8.1. REPERTÓRIO OU PRINCIPAIS PRODUTOS**

Atualmente, as principais atividades realizadas pelos foliões ocorrem durante a Festa do Divino. Mas cada vez mais estas manifestações vêm contribuindo no sentido de divulgar a cultura nativitana, contribuindo para o incentivo e aumento do turismo na região.

8.2. PROCESSO DE TRABALHO E COMERCIALIZAÇÃO

ETAPA	ATIVIDADE
	Não há

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**To 01 00 07 F40 01****8.3. PRINCIPAIS PARTICIPANTES**

STATUS	FUNÇÃO
STATUS	FUNÇÃO
O imperador	O imperador recebe a folia. Ele e a imperatriz são os donos da folia.
O capitão-do-mastro	O capitão-do-mastro e a sua senhora, que são as pessoas que levantam o mastro, o ornamentam. São eles que fazem a preparação para a festa do imperador.
O despachante	A organização para o giro é de responsabilidade dos despachantes. Hoje em dia, é difícil um único despachante ter condições, sozinho, de manter a folia. Os despachantes têm se multiplicado, de modo a possibilitar a saída das folias. Hoje, geralmente, estão se reunindo em grupos de três, de cinco pessoas ou mais pra poder contornar todos os imprevistos que surgem. Os despachantes são os donos da folia, eles organizam as folias, e convidam os foliões para participar, escolhidos entre aqueles que apresentam o perfil que agrada ao despachante.
O alferes	O alferes da bandeira é a pessoa que conduz a bandeira do Divino, e é o responsável pela folia durante o giro. Ele é a pessoa que resolve qualquer imprevisto; é ele quem chega nas moradias e conversa com os donos das casas, procurando saber o modo como o morador deseja receber a folia, a que horas ele vai querer receber os cantos, como ele gosta de ouvir as rodas, enfim, cuida de todos os detalhes para agradar ao morador. Ele é o responsável por fazer essa comunicação entre o morador e os foliões. À hora em que a janta estiver pronta, pois a folia em geral chega no início da noite, o morador comunica ao alferes: “Ó, a janta tá servida, tá na mesa, pode convidar seus companheiros”. Então o alferes é que é responsável por fazer esse elo, ele é a pessoa que conduz a folia durante o giro.
O caixeiro	O caixeiro é o companheiro do alferes e eles estão sempre juntos. O alferes conduz a bandeira e o caixeiro é aquele que toca a caixa, o instrumento que anuncia a ressurreição, um instrumento que pelo seu formato tem o seu som ouvido a distância. Geralmente a léguas de distância, quando é tocado em um lugar um pouco alto, elevado, ouve-se muito longe, então as pessoas ficam sabendo que a folia está no giro, que a folia está próxima, que a folia está chegando, ela é anunciada por meio da caixa. A caixa é que acompanha a bandeira, então onde a bandeira do Divino for, a caixa tem de ir também, quando se guarda a bandeira, guarda-se a caixa. Quando é trazida a bandeira tem de se trazer a caixa também. Então o alferes e o caixeiro são geralmente companheiros próximos. Porque é justamente nas participações onde tem a bandeira que tem a caixa, como, por exemplo, nos cantos. Em geral, pessoas com grande conhecimento sobre a Festa do Divino Espírito Santo, os caixeiros são, sem dúvida, de primordial importância para essa festa, sendo eles os responsáveis por grande parte do ritual: abertura e fechamento da tribuna, louvações para o Divino e santo homenageado, honras para o império, etc., tocam por devoção ao Espírito Santo. Ser caixeiro é um “dom de Deus”, uma missão espiritual, mas a maioria enfatiza que qualquer pessoa pode se tornar caixeiro do Espírito Santo, basta querer e ter a vontade de aprender, porque ser caixeiro requer esforço e dedicação, daí a importância em se buscar informações sobre a origem da festa, bem como ter paciência no aprendizado do ritual (que vai da batida da caixa ao fechamento da tribuna), pois só assim se poderá louvar com veemência o Espírito Santo. O processo de formação de um caixeiro é lento, pois o ritual do Divino Espírito Santo é muito complexo e requer cuidados no seu aprendizado. “Qualquer pessoa pode tocar caixa, depende de querer. A gente aprende é assim, ninguém nasce sabendo. Querendo tocar, toca; quer aprender, a gente que sabe mais ensina. É nosso dever ‘pro’ Espírito Santo trazer mais devotos. Uns ‘aprende’ mais depressa, outros mais devagar, mas é assim mesmo”. (Folião devoto do Divino)
Os foliões	Os foliões: uma boa folia em geral é composta de 8 a 10 foliões, 12 no máximo. Mais de 12 já fica uma folia exagerada e difícil de entrosar. Um número menor que 8 torna a folia um pouco pendente, correndo-se o risco de que fique fraca em relação às cantorias. Então a folia considerada boa realmente é a de 8 a 10, no máximo 12 participantes. Esses foliões tocam pandeiros, tocam viola e são eles que fazem as melodias, que fazem os cantos, que fazem as rodas, as catiras e que anunciam por intermédio de suas músicas, de seus cantos a Páscoa realmente, o anúncio da mensagem que é para ser transmitida aos moradores. O alferes, o caixeiro e os arrieiros levam o nome de foliões em geral, mas eles, na verdade, têm uma outra função dentro da folia. E os foliões têm a função de realmente cantar, transmitir essa mensagem cantada. Entre esses foliões existem os violeiros, que tocam as violas. A viola é um instrumento que dá o ritmo do canto, que dá o ritmo da roda, a altura, o som que vai ser cantado, a melodia.
O cabeceira	O cabeceira é o folião que bate pandeiro fazendo os remates das rodas e das catiras, pois a cada intervalo das rodas, de uma estrofe da roda, há a batida do pandeiro. As pessoas procuram cada vez mais inovar nessa batida de pandeiro para fortalecer o ritmo da cantiga, dar animação à música que está sendo cantada.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

To 01 00 07 F40 01

O guia e o contraguia	O guia e o contraguia: o guia é o que faz os cantos, o que puxa os cantos; ele vai puxar os cantos de bendito, de morador, de curral durante o giro, e, durante a chegada, o canto de encontro, o canto de cruzeiro, o canto de altar, o canto de imperador. O bendito é recitado antes das refeições, como o almoço e o jantar. É o guia quem puxa esses cantos e o folião contraguia é aquele que responde a esses cantos.
O arrieiro	O arrieiro é o que conduz a bagagem, conduz e zela pela tropa também durante o giro. Os foliões giram a tarde toda, montados. Quando chegam ao pouso, desarreiam e guardam os animais; a partir daí, os arrieiros tomam conta das tropas, levam para a roça, para o pasto, colocam eles lá para descansar, para comer, cuidam dos animais, verificam suas condições para saber se podem continuar no giro.

8.4. CAPITAL E INSTALAÇÕES

DESCRIÇÃO	Os recursos financeiros são utilizados para a manutenção das festas e das folias.
QUEM PROVÊ	A prefeitura de Natividade; a comunidade de um modo geral, os despachantes, o imperador e o capitão do mastro.
FUNÇÃO	Promover as festividades

8.5. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO

DESCRIÇÃO	Não há
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	
DISPONIBILIDADE	

8.6. COMIDAS E BEBIDAS

DESCRIÇÃO	Doces variados (leite, coco, abóbora, massa de mandioca, laranja, mamão, buriti etc.), bolos (de arroz, da mãe), biscoitos (pipoca, do céu, amor perfeito, bolacha, trovão, jatobá, ginete etc.), licores (jenipapo, caju, banana, leite, abacaxi, jabuticaba, folha de figos etc.) feitos especialmente para a ocasião. São servidas também bebidas (refrigerantes e sucos; o padre proibiu o consumo de bebidas alcoólicas) e comidas (carne assada na brasa, paçoca de carne seca, cozidão etc.).
QUEM PROVÊ	As bebidas e as comidas são oferecidas pelo Imperador e pelo Capitão do Mastro, principalmente. Grande parte dos recursos adquiridos chegam por meio de doações.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Confraternização e parte do ritual, que inclui a comensalidade.

8.7. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS OU CÊNICOS

DESCRIÇÃO	BANDEIRA DO DIVINO, A POMBA, AS CAIXAS
QUEM PROVÊ	O folião
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**To 01 00 07 F40 01****8.8. FIGURINOS E ADEREÇOS**

DESCRIÇÃO	Figurinos.
QUEM PROVÊ	Geralmente são providenciadas pelo despachante, o imperador ou o capitão do mastro.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Em geral usam o chapéu, a calça jeans, a camiseta com a denominação da folia, botinas e polainas.

8.9. DANÇAS

DESCRIÇÃO	A roda a catira e a sússia
QUEM EXECUTA	Os membros dos grupos locais
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Louvor e diversão

8.10. MÚSICAS E ORAÇÕES

DESCRIÇÃO	Canções religiosas denominadas “Bendito do Divino” e cânticos para Nossa Senhora de Natividade. Por todo o tempo são entoados cânticos de Louvor. Tem também catira, roda, forró
QUEM PROVÊ	Em geral são cantadas pelo festeiro, os foliões e o público.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Canções em louvor ao Divino Espírito Santo e a Nossa Senhora de Natividade

8.11. INSTRUMENTOS MUSICAIS

DESCRIÇÃO	A caixa é o instrumento do anúncio da folia, ela avisa que a folia está no giro, ela também anuncia a hora do jantar, do almoço. O amarrador comunica ao alferes que já esta servida a refeição, que pode convidar os foliões. O alferes, então, chama o caixeiro e com a batida da caixa anunciam a chegada da folia, por meio do som relativo ao momento, pois cada momento tem um som diferente, tem uma batida que é justamente chamando os foliões. E, em todos os momentos em que tiver algum canto, a caixa tem de estar participando, porque a caixa é a companheira da bandeira, é a companheira do anúncio. A caixa é um dos instrumentos feitos de couro de veado campeiro, utilizados nos giros das folias. É ela quem anuncia a chegada da folia no pouso. A caixa é o inverso dos pandeiros. Quanto mais velha melhor fica, isto é, com o passar do tempo a tonalidade melhora. Quando a caixa repica é sinal da ressurreição de Cristo, é sinal da saída do Divino Espírito Santo para o sertão. Durante o giro os moradores são capazes de ouvir o som de uma caixa até com uma légua de distância; se a caixa for boa, com até duas léguas de distância. Isso faz com que os moradores saibam que a folia está girando e que está próxima. A caixa, na simbologia da Folia do Divino Espírito Santo, é o instrumento que anuncia todos os passos, por ela dados. É ela que avisa que as folias estão saindo para o giro, levando a ressurreição.
QUEM PROVÊ	Cada caixeiro providencia a sua própria caixa.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A caixa é o principal instrumento musical da folia; sua função é a de anunciar a folia, as caixas devem ser escutadas a distância. Elas possuem um som muito afinado; são consideradas as campeãs da região. São feitas artesanalmente. Os músicos podem comprar ou confeccionar o instrumento. As caixas artesanais são feitas, em geral, com couro de veado.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	To	01	00	07	F40	01
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DESCRIÇÃO	Os pandeiros são um complemento; eles não são os mais importantes, não são os que ditam o ritmo, porque o ritmo é a viola quem dá. Também não são eles que anunciam a Folia do Divino; são uma espécie de acessório dela. O arco do pandeiro é feito de jequitibá ou de caraíbas, de preferência de caraíbas para ficar mais leve. O arco é revestido de couro de bode; são muito afinado, e, para produzir o som de chocalho, são usadas moedas que não estão mais em circulação. Elas são perfuradas e colocadas dentro do arco de caraíbas ou de jequitibá, pra dar um som mais nítido ao pandeiro. Ele é um acessório necessário para as cantigas das rodas e da catira, dando às rodas um ritmo mais alegre. Para as cantigas e durante os cantos eles são batidos mais sob-leves, porque a caixa já faz um som bem mais alto. Quando não há mais o som da caixa, eles são responsáveis em dar ritmo à cantiga, em dar animação, e, geralmente, são oito pandeiros, ou, dependendo do número de foliões, dez. O arco do pandeiro é feito com madeira de caraíba ou jequitibá. O couro que o envolve é de bode ou de cabra nova, capaz de produzir um som menos grave que o dos tambores, como nos descreve o tocador: “um som mais fino”. O couro de vaca não é apropriado para cobrir o pandeiro por ser muito duro, o que machucaria as mãos dos tocadores. O ideal é que se utilize um pandeiro no máximo durante um ano. Muito embora ele possa durar vários anos, o som dele tirado modifica-se com o passar do tempo. Segundo ainda os informantes, o pandeiro significa “o insenso”, o tempero musical: levanta os ânimos, alegra os participantes. Preso ao arco tem-se o xengue, geralmente confeccionado de moedas, que, segundo os tocadores, “dão a zuada”, ou seja, o barulho típico do “riscado” do pandeiro.
QUEM PROVÊ	Cada tocador de pandeiro providencia o seu instrumento.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Trazer alegria e ritmo para o canto. Diz um folião que, para que ele seja feito, “tem que raspar o couro, tirar aquele cabelo, tem que deixar de molho por algum tempo e depois dá umas batidas nesse couro assim em alguma árvore pra ele dá uma espichada, e pregar de um lado do arco e ir puxando com um pau, com um formato de uma colher de pau, puxando do outro lado e ir pregando do lado contrário, pra que ele possa ficar bem durinho, bem esticadinho pra dá um som bem apurado e, quando enxugar, porque puxa com o couro molhado, quando enxugar, ficar um pandeiro de qualidade”.
DESCRIÇÃO	A viola, dos instrumentos, é o mais importante, pois a viola dá o ritmo, dá o som, aponta em que nota vai se cantar, se é alto, se é baixo, se é grave, se é agudo. Então, se não houver a viola ou se ela apresentar algum problema, como uma corda a menos, por exemplo, das dez que possui, ou se tiver uma corda desafinada, já produz uma diferença no som final que vai ser cantado.
QUEM PROVÊ	Cada tocador violeiro providencia seu instrumento.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Ela é que dá o ritmo aos cantos.

8.12.ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO	
EXECUTANTE	ATIVIDADE
	Não há nenhuma atividade significativa, cada um dos membros das folias se responsabiliza por suas obrigações.

9. DESTINAÇÃO DO PRODUTO

PARA USO PRÓPRIO ☐	VENDE ☐	TROCA ☐	OUTRO ☒	ESPECIFICAR	
PARTICIPAÇÃO NA RENDA FAMILIAR	SIM ☐	NÃO ☒	PRINCIPAL FONTE DE RENDA ☐	COMPLEMENTO ☐	

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

To

01

00

07

F40

01

MODO DE COMERCIALIZAÇÃODIRETO ☐INTERMEDIÁRIO ☐COOPERATIVA / ASSOCIAÇÃO ☐**10. PARTICIPAÇÃO EM COOPERATIVAS OU ASSOCIAÇÕES**

Não participa de nenhuma cooperativa ou associação.

11. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Ourivesaria	TO010007F6001
Igreja da Matriz	TO010007F3003
Praça do Rosário	TO010007F5002
Igreja de São Benedito	TO010007F3004
Praça de São Benedito	TO010007F5002
Ferreiro	TO010007F6006
Parteira	TO010007F6005
Festa do Divino	TO010007F4001
Bolos	TO010007F6002
Bordados	TO010007F6008
Ferreiro	TO010007F6006

12. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

Não há.

13. DOCUMENTOS INVENTARIADOS**13.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL**

Não há.

13.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

Arquivo sonoro UFT/FAPTO – TO010007F1A2A nº34 - TO010007F1A2A nº34A32, TO010007F1A2A nº34A25, TO010007F1A2A nº34A77, TO010007F1A2A nº34A31, TO010007F1A2A nº34A08, TO010007F1A2A nº34A86, TO010007F1A2A nº34A38, TO010007F1A2A nº34A51, TO010007F1A2A nº34A33; vídeos TO010007F1A2 nº41 Ourivesaria / Natividade Tocantins 15', TO010007F1A2 nº42 Ourivesaria / Natividade Tocantins 56'

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

To

01

00

07

F40

01

13.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F20A2 n°27 e TO010007F40A2 n°17

14. OBSERVAÇÕES**14.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO**

Recomendável.

14.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

A folia do Divino é parte integrante da vida do nativitano e traz em si toda uma gama de representações sociais que vem sendo ressignificadas ao longo de sua história. Necessário uma pesquisa acurada sobre a folia, para trabalhar todos seus sentidos e representações.

14.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

Não há.

15. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

PESQUISADOR(ES)	Helena M. Mollo, Sandra Maria Faleiros Lima, Sonia Maria F. Neiva, Valdirene Gomes dos Santos de Jesus, Eunice dos Santos Moura, Gisela, souza, Hueberson Veríssimo Ribeiro, Piero Detoni, Valéria Moreira l. de Melo, Tatiana Hundrel		
SUPERVISOR	14ª. Regional do IPHAN – Goiânia/GO		
REDATOR	Sandra Maria Faleiros Lima	DATA Agosto 2007/ revisão maio 2008	
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	UFT/FAPTO		